



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – Campina Grande
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO**

ESTER DE FREITAS APOLINÁRIO

**INCLUSÃO DIGITAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO
RELACIONAMENTO FAMILIAR: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA
SANTA MARIA – IGARASSU/PE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

ESTER DE FREITAS APOLINÁRIO

**INCLUSÃO DIGITAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO
RELACIONAMENTO FAMILIAR: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA
SANTA MARIA – IGARASSU/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Computação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Computação.

Orientadora: Prof^ª Ms^a Maria Lúcia Serafim

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A643i Apolinário, Ester de Freitas.

Inclusão digital e sua contribuição no relacionamento familiar [manuscrito] : estudo de caso na Escola Santa Maria - Igarassu/PE / Ester de Freitas Apolinário. - 2014.

39 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Computação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Lúcia Serafim, Departamento de Educação".

1. Inclusão digital. 2. Relacionamento familiar. 3. Informática básica. I. Título.

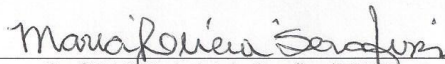
21. ed. CDD 302.14

ESTER DE FREITAS APOLINÁRIO

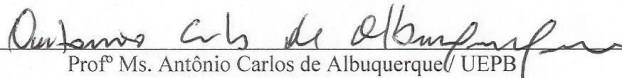
**INCLUSÃO DIGITAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NO
RELACIONAMENTO FAMILIAR: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA
SANTA MARIA – IGARASSU/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Licenciatura em
Computação da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciada em
Computação.

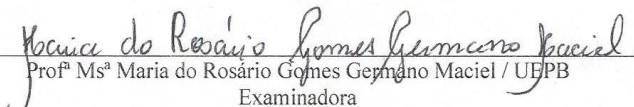
Aprovada em 23/07/2014.



Profª Msª Maria Lúcia Serafim / UEPB
Orientadora



Profº Ms. Antônio Carlos de Albuquerque / UEPB
Examinador



Profª Msª Maria do Rosário Gomes Germano Maciel / UEPB
Examinadora

***“Nossos dons, formações, capacidades, é tudo parte
de um Capital de Deus, em que somos
administradores.”***

Movimento dos Focolares

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Santíssima Trindade, que está sempre ao nosso lado.

À minha família, em especial a minha mãe Inácia Freitas, meu pai Carlos Apolinário, minha irmã Emanuela de Freitas, meu irmão Rodrigo Apolinário, minha cunhada Lisânia Caroline e minha sobrinha Lis Renata, que desde o início impulsionaram o meu crescimento pessoal e profissional.

À minha família espiritual, presente em todos do Movimento dos Foculares, carisma que impulsionou esta pesquisa e que me direciona no caminho a percorrer sempre.

A todos os meus amigos que nos momentos alegres e tristes estavam presentes, em especial Aline Tavares, que realmente foi uma parceira tanto no âmbito pessoal, quanto no âmbito profissional, pois sua disciplina e sabedoria sempre me impulsionaram a ser uma pessoa melhor.

À minha orientadora, prof^ª Ms^ª Maria Lúcia Serafim, que com sua paciência, dedicação e compreensão desde o início acreditou e confiou na minha capacidade, e continuando a me impulsionar, fez com que chegássemos a escrever este trabalho em comunhão.

À Escola Santa Maria, que abriu as portas para que desde 2012 eu pudesse fazer parte desta família e do projeto que motivou esta pesquisa, no qual pude colocar em prática o projeto de amor que a Escola tem sobre cada aluno e, conseqüentemente, sobre cada família. Além de toda a contribuição e abertura para a realização desta pesquisa, em especial nas pessoas de Jussara Varela, Mary Silva e Maria, coordenadoras da instituição.

À Psicóloga Lucidalva Gomes (Lulu), mentora do Projeto Psicossocial “Fortalecendo Laços”, que desde o início acompanhou todo o desenvolvimento desta pesquisa, e forneceu dados e experiências.

Às mães ou responsáveis dos alunos que foram parte principal desta pesquisa, das quais agradeço imensamente a atenção, a coragem, a força, que cada uma proporcionou para minha vida profissional e pessoal. Além da disposição em contribuir com a coleta dos dados, respondendo aos questionários com sinceridade e dedicação.

Ao professor Dr. Daniel Scherer que tanto contribuiu na construção do questionário utilizado na coleta dos dados.

Ao professor Francisco Dias que contribuiu com esta pesquisa através dos diálogos realizados sobre o seu vasto conhecimento da história da Educação.

Ao corpo docente do curso de Licenciatura em Computação, da Universidade Estadual da Paraíba, que colaborou com a minha formação durante esse período.

RESUMO

A partir de um estudo de caso referente a uma experiência vivida pela pesquisadora, através do projeto Psicossocial chamado “Fortalecendo Laços”, promovido pela Escola Santa Maria, no município de Igarassu (PE), no qual teve a oportunidade de ministrar um curso de informática básica, fator que motivou a presente pesquisa, se buscou identificar como a inclusão digital de mães ou responsáveis de alguns alunos da instituição contribui no relacionamento familiar. Com o apoio da metodologia de abordagem qualitativa aliada a alguns dados quantitativos, foram analisadas as respostas de questionários aplicados às mães ou responsáveis dos alunos que se apresentam com desafios de relacionamento na escola e na família e por isso estão inseridos nesse projeto. A pesquisa teve como base os apontamentos do teórico Moran (2007) sobre o conceito de “educar”; além de Bonilla (2005) abordando o ser “protagonista do conhecimento”; e Lima (2005) ao afirmar que tanto a família quanto a escola devem ser “parceiras” na formação do indivíduo. Portanto, percebemos que o projeto contribuiu neste processo, aumentando a autoconfiança e a autoestima das mães ou responsáveis, e estas se colocaram como protagonistas na educação dos filhos/ filhas/ netos/ netas.

Palavras-chave: Inclusão digital. Relacionamento familiar. Informática básica.

ABSTRACT

From a case study concerning a lived experience by the researcher, through a psychosocial project called "Strengthening Ties", sponsored by Santa Maria School in the municipality of Igarassu (PE), which had the opportunity to teach a course on basic computer, factor that motivated the present research in order to identify how the digital inclusion of mothers or guardians of some students of the institution contribute in family relationships. With the support of qualitative methodology approach coupled with some quantitative data were analyzed responses from questionnaires applied to mothers or guardians of students who present with relationship challenges at school and in the family and therefore are included in this project. The research was based on the contents of the theoretical Moran (2007) on the concept of educating; plus Bonilla (2005) about the be protagonist of knowledge; and Lima (2005) by stating that both the family and the school should be partners in shaping the individual. Therefore, we realize that the project contributed in this process, increasing self-confidence and self-esteem of mothers or guardians, and so they put themselves as protagonists in education of the son/daughter/grandsons/granddaughters.

Keywords: Digital Inclusion. Family relationships. Basic information technology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sentimento de exclusão por não saberem utilizar o computador.....	27
Figura 2: Valores humanos explorados pela Escola Santa Maria	28
Figura 3: Contribuição dos cursos no relacionamento familiar.....	29
Figura 4: Contribuição dos cursos na vida profissional.....	29
Figura 5: Frequência com que usa o computador.....	30
Figura 6: Dificuldades encontradas durante o curso de informática.....	31
Figura 7: Contribuição para o acompanhamento das atividades escolares	32
Figura 8: Impedia/Proibia a utilização do computador.....	33
Figura 9: Contribuição na educação para utilização da internet.....	34
Figura 10: Avaliação da prática docente, como também sua metodologia de ensino.....	34
Figura 11: Avaliação do material de apoio.....	35
Figura 12: Frequência de acesso após o curso.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 INCLUSÃO DIGITAL: INCLUI OU EXCLUI?	14
3 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA	18
3.1 FAMÍLIA E O SURGIMENTO DA ESCOLA	18
3.2 PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO FAMILIAR	20
4 CONTEXTO DA ESCOLA SANTA MARIA	22
4.1 O PROJETO PSICOSSOCIAL: FORTALECENDO LAÇOS	24
4.2 O CURSO DE INFORMÁTICA E EXPERIÊNCIA DA PESQUISADORA	25
5 PERCUSO METODOLÓGICO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE – Questionário para coleta dos dados	
ANEXO – Fotos da Escola Santa Maria e dos cursos do Projeto Psicossocial	

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é caracterizada pela valorização dos equipamentos digitais e pela velocidade que se tem acesso às informações. Porém, essa realidade vem provocando diversos impactos positivos e negativos na sociedade; impactos causados pela falta de orientação no uso, ou pela não acessibilidade para todos, além do equilíbrio no uso excessivo dos equipamentos tecnológicos. Portanto, destaca-se que estas realidades necessitam de um acompanhamento educacional, tanto no contexto familiar quanto escolar/profissional.

Como o processo de educação se inicia na família e continua na escola, é importante que estas sejam parceiras no processo de ensino aprendizagem que a sociedade se encontra, inclusive com relação ao acesso às tecnologias digitais. No entanto, observa-se que uma grande parte da população, principalmente pessoas de classe econômica baixa, ou acima dos 40 anos de idade, não tem acesso ou mesmo orientação de como utilizar equipamentos de forma a potencializar o uso nas atividades necessárias no cotidiano, por exemplo, como o computador. A partir desta realidade, o conceito de *inclusão digital* é definido como sendo o surgimento de novos conceitos, referente a um contexto específico, que surge em uma sociedade, mas que não favorece a todos, sendo necessário o processo de inclusão desses indivíduos que não tem o acesso.

Como um exemplo da parceria entre família e escola, a Escola Santa Maria, na Mariápolis Santa Maria, em Igarassu/PE, vivencia através de um carisma da Igreja Católica, a proposta de pela educação, além do conteúdo sistemático, formar os alunos para se tornarem homens novos, com princípios e valores concretos. Mas não são apenas os alunos, pois esta acompanha a construção familiar, principalmente junto aquela ou aquele que acompanha diretamente o aluno, sendo a mãe, o pai, a avó ou avô, a tia ou tio, enfim, responsáveis das mais diversas realidades, mas que na Escola Santa Maria, estas realidades são vistas com um único olhar, o de serem amados.

A essência deste pensamento de tornar homens novos e também de gerar famílias novas, vem da experiência de vida de uma professora chamada Sílvia Lubich, que residia na cidade de Trento, na Itália, e que durante a Segunda Guerra Mundial fez uma descoberta que mudou a vida de milhões de pessoas, principalmente naquela época na qual o clima era de ódio e violência. Ela experimenta o encontro com Deus Amor, o único que não passa. Sílvia define esta descoberta como “mais forte do que as bombas que atingem Trento” e começa a

compartilhar com suas primeiras companheiras, partilha que cresceu e levou essa descoberta a mais de 180 nações, na qual jovens, adultos, crianças, adolescentes, famílias, sacerdotes, religiosos e religiosas, se encantam com a dimensão de que Deus ama imensamente a todos e que no Evangelho colocado em prática se conseguirá contribuir para realizar o testamento de Jesus, “Que todos sejam um” (Jo 17, 21), e assim construir a unidade da família humana.

Neste contexto surge o carisma da Unidade, presente no Movimento dos Focolares¹, e Sílvia Lubich passa a ser chamada de Chiara Lubich. Escolheu ser chamada assim, de Chiara, após descobrir “Deus Amor” e perceber que uma nova maneira de viver surgia. Ela também busca vivenciar, de forma semelhante, os valores e a experiência de Santa Clara de Assis, em que deveria viver para amar, amar a todos, e principalmente, colocando em prática a frase do evangelho de João que diz “Quem me ama, será amado por meu Pai. Eu o amarei (...) e a ele iremos e nele estabeleceremos morada.” (Jo 14, 21-23).

A estrutura deste Movimento articula-se em 18 ramificações cujos membros atuam em vários setores da sociedade (econômico, social, político, pedagógico, artístico, etc.), contribuindo para a construção de uma sociedade renovada, sendo ela iluminada pela prática do Evangelho.

Um destes setores é o chamado de “Humanidade Nova”, sendo a expressão de todo o Movimento no aspecto social. Os principais responsáveis por esta humanidade são pessoas das mais variadas categorias sociais e profissionais, chamados “Voluntários de Deus”, empenhados na renovação dos vários campos da sociedade, como a política, a economia, a arte, a educação, o direito, a comunicação, etc. E, estes surgiram em um apelo de Chiara que, atendendo ao pedido do Papa Pio XII, expressa a urgência de “autênticos discípulos de Jesus, que voluntariamente O sigam. Um exército de voluntários – porque o amor é livre – capaz de construir uma sociedade nova”.

Aqui, chama-se a atenção para esta nova humanidade no aspecto da *educação* pelo qual, com base no carisma da Unidade apresentado acima, objetivo do Movimento dos Focolares, a vida do Evangelho colocado em prática também pode ser vivida no ambiente Educacional, com o intuito de formar *seres humanos conscientes no papel que exercem sobre a humanidade*, sendo protagonistas da sua própria vida e de sua família, e, vivendo assim, contribuam na realização da unidade no mundo.

Uma das formas concretas desse amor aplicadas no âmbito educacional é não pensar apenas e unicamente em um contexto isolado, que no caso da presente pesquisa seria o aluno,

1 Carisma da Igreja Católica, fundado em 1943, a partir da vida evangélica de Chiara Lubich.

mas ampliar para a família ligada a este aluno. Para tanto, na Escola Santa Maria percebeu-se a necessidade de um acompanhamento familiar, no qual junto com um trabalho de uma Psicóloga, através da execução de um projeto chamado “Fortalecendo Laços”, que tem como objetivo o Desenvolvimento Psicossocial na Família, avalia o relacionamento entre responsável e aluno, identificando problemas, limitações, dificuldades, tanto pessoal quanto de toda a família. Dentro deste projeto, que usa como metodologia a Terapia Cognitivo-Comportamental - cuidando da mente e do corpo - o tratamento, para as famílias selecionadas pela gravidade dos problemas, é realizado de duas formas: com intervenções clínicas, mas também com oficinas de terapia ocupacional, nas quais são elaborados minicursos que colaboram com a autoestima, o crescimento pessoal e profissional dos responsáveis familiares que são todas mulheres. Os minicursos sugeridos foram artesanato, dança e aulas de informática, todos com objetivo de contribuir com a socialização destas alunas, como também destas com a sociedade.

Neste contexto, destaca-se o aspecto tecnológico, no qual hoje se exclui aquele ou aquela que não tiver conhecimentos básicos de alguns dispositivos, como computador, celular. Calliari & Motta (2012, p. 10) definem esta sociedade como Geração Y, uma sociedade educada para serem influentes e práticos, inclusive com os equipamentos tecnológicos, afirmando que esta é uma geração que “passa nove horas trabalhando, cinco navegando na internet, cinco no Facebook ou no MSN, e três horas ouvindo música, além de gastar duas jogando *videogame*, mais duas na tevê, mais duas enviando torpedos, ou falando ao celular, três horas estudando e oito horas dormindo”. Após esta definição, é importante identificar que o/a responsável dessa geração que não utiliza estes equipamentos, automaticamente é excluído, tornando-se ausente do ambiente do seu filho/filha/neto/neta.

Esta análise é decorrente de uma experiência vivenciada pela pesquisadora no ano de 2012, na qual passou um período de seis meses na casa jovem da Mariópolis Santa Maria, casa destinada a jovens que desejam doar, por um período determinado, seu tempo e serviço a Deus. Esta experiência é uma formação pessoal, psicológica, espiritual e profissional.

Na formação profissional da pesquisadora, se teve a oportunidade de trabalhar na Escola Santa Maria, ministrando um dos minicursos do Projeto “Fortalecendo Laços”, o curso básico de capacitação para os meios tecnológicos, especificamente o computador, direcionado para mães/responsáveis que, em sua maioria, não tinham nenhum conhecimento deste dispositivo ou que apresentavam medo de utilizar. Este perfil do discente ocasionou o seguinte questionamento: sendo esta mãe/responsável a liderança na educação do filho ou

filha, neta ou neto, sobrinho ou sobrinha, que respira a tecnologia, como esta convive sem proibir, e sim educando, se ela não está incluída dentro do contexto que a sociedade da informação, a Geração Y, se encontra?

A partir deste questionamento, compreendeu-se que deveria ajudar, de forma ampla, na formação tecnológica e pessoal destas mães ou responsáveis, verificando e se adequando ao tempo delas, mediante as diversas dificuldades que poderiam ser encontradas e não apenas ao plano de curso que havia sido preparado, pois necessitava ter paciência para compreender cada uma, e principalmente, estar atenta para valorizar cada passo dado, mesmo sendo o mínimo possível, como ligar e desligar uma máquina, pois estes retornos seriam fundamentais no processo de aumento na autoestima e na autoconfiança que deveria ser gerado durante o curso.

Diante disso, se começou o curso com os aspectos básicos da história, mostrando que elas estão presentes na sociedade da evolução; após, se passou a executar as práticas de digitação e do controle do *mouse*, ambos os contextos apresentaram bastante dificuldade, principalmente pelo medo de utilizar, então trabalhou a confiança no que elas poderiam fazer, sempre fazendo a semelhança com o papel que elas exercem sobre suas famílias; depois iniciou o acesso ao mundo da *Internet*, com variedades de *sites*, que proporcionaram uma surpresa ao poder ir a vários locais, sentada em uma cadeira, ou saber informações, em tempo real, sobre o mundo, ou ainda pegar imagens de modelos de artesanatos que elas poderiam fazer na aula posterior, que era de artesanato; por fim, a criação do *e-mail*, que as deixaram entusiasmadas em conversar umas com as outras, por máquinas.

Ao longo do curso, se conseguiu destacar alguns pontos relevantes com relação à prática docente: primeiramente, que o professor deve entender o que o seu aluno necessita. No caso desse curso, no primeiro momento, não seria criar imagens, construir sites, realizar situações extraordinárias, mas apenas estar no mundo virtual que a sociedade se encontra, e conseqüentemente, local onde seu filho/filha/neto/neta está.

Segundo, que ao utilizar a multimídia para mostrar de forma mais dinâmica os conteúdos, ou seja, a projeção de alguns contextos em gráficos e imagens, facilitava a compreensão das funcionalidades do computador, levando em consideração os aspectos psicológicos em que as mães/responsável estão inseridas, como carga horária de trabalho, fora ou dentro de casa, ou ainda, um período de teoria construída em que afirmações como: “eu não precisei utilizar o computador até agora”, ou “eu não consigo realizar esta tarefa, é muito difícil”, ou “eu peço pra minha filha fazer a atividade”.

E por fim, que a informática/tecnologia pode ser um grande elo no relacionamento familiar, pois, ao invés de se tornar um objeto de separação, se torna um objeto de união. Por exemplo: aconselhamento da melhor forma de se utilizar *sites* de relacionamento; práticas de pesquisa, ajudando em atividades escolares; exercícios de lazer, como jogos de dupla, entre pai e filho; fazendo com que não se proíba o uso, mas oriente da melhor forma.

A abordagem metodológica utilizada será a qualitativa aliada a dados quantitativos, na qual se aplicou, para cada aluna, um questionário com perguntas estruturadas e pontuais, direcionadas para os objetivos deste trabalho.

Com isso, seguem algumas análises sobre a inclusão digital, a relação família e escola, junto ao estudo de caso na Escola Santa Maria, Igarassu/PE. Essas estão estruturadas primeiramente abordando a inclusão digital hoje, avaliando se ela inclui ou exclui o cidadão; em seguida, o contexto família e escola são analisados, conceituando família e como surgiram as primeiras escolas, bem como definindo qual o papel que a escola deve exercer sobre a educação familiar. O contexto da Escola Santa Maria é apresentado como um exemplo desta parceria entre escola e família, apontando o Projeto Psicossocial “Fortalecendo Laços” como uma forma prática desta formação alargada, pois ultrapassa o âmbito da escola. Já o curso básico de informática é explicado juntamente com a experiência vivida pela pesquisadora. Por fim, é mostrado o percurso metodológico, apresentando e analisando os dados da pesquisa.

2 INCLUSÃO DIGITAL HOJE: INCLUI OU EXCLUI?

Para entrar em um contexto de *inclusão*, é inevitável não iniciar pelo âmbito da *exclusão*, levando em consideração, como afirma Bonilla & Oliveira (2011, p. 30) que “os indivíduos excluídos compõem a sociedade, mesmo que na condição de regulação da manutenção de uma determinada forma de dominação, não é possível considerá-los como estando *fora da sociedade*”; portanto, surge o processo de inclusão quando em uma sociedade é estabelecido conceitos novos, referente a algum contexto específico, porém estes conceitos não favorecem a todos, ou favorece, mas o indivíduo não sabe como aplicar, e daí, surge a necessidade de incluí-los.

A sociedade atual se encontra neste meio, pois está sendo construída com base nas ferramentas digitais, passando a ser denominada como sociedade da Geração Y (CALLIARI & MOTTA, 2012, p. 10). Por exemplo, para se fazer uma ligação, tirar uma fotografia, filmar um momento importante, realizar cálculos, agendar eventos futuros, e tantas outras

funcionalidades, se pode fazer com um único aparelho, o telefone celular; ou ainda, para realizar uma operação em um banco, como sacar dinheiro, é necessário, no mínimo, se habituar a tecnologia *touch*, onde clicando com o dedo na tela, e seguindo passos, retirar o dinheiro; ou nas TVs digitais, com alta qualidade de vídeo e áudio, fazendo o virtual chegar próximo ao real; além do que se pode realizar com o computador, no qual, com o conhecimento adequado, se junta todas estas funcionalidades acima, em uma única ferramenta; todos estes processos Lemos (2011, p.16) define de *inclusão espontânea*, no qual ocorre a inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação. E ainda Lemos (2011, p.19) afirma que “saber lidar com os novos dispositivos e as redes telemáticas são hoje condições necessárias e imprescindíveis para inclusão social na sociedade da informação. Saber ler é hoje entender, produzir e distribuir informações sob os mais diversos formatos (texto, programas, sons, imagens...)”.

Neste contexto, podemos caracterizar as pessoas que não acessam ou não tem computador em casa, nem utiliza o aparelho celular, como pessoas excluídas digitalmente, porém, como percebemos através dos exemplos citados anteriormente, “exclusão digital”, atualmente, não é o termo mais adequado, pois a maioria da população, mesmo sem perceber, está *imersa no digital*. Castel (2001 *apud* Nardi, 2002 p.142) vem afirmar que “o termo *exclusão* não é apropriado, pois indivíduos ‘excluídos’ não estão fora da sociedade, eles fazem parte da sociedade, porém numa posição de regulação que permite apenas a manutenção de uma determinada forma de dominação”, e Filho (2003) completa que a inclusão digital “de nada adianta os acessos às tecnologias e renda se não houver acesso à educação, pois o indivíduo deve deixar de ter um mero papel ‘passivo’ de consumidor de informações, bens e serviços, e então passar a atuar como um produtor destes conhecimentos, bens e serviços”.

Com isso, pode-se afirmar que o contexto de *exclusão digital* está ligado diretamente as diferenças culturais e socioeconômicas dos indivíduos. Portanto, o acesso consciente se torna restrito a um grupo pequeno de pessoas, principalmente aqui no Brasil, onde as desigualdades sociais são alarmantes, vemos que apenas um grupo seletivo, segundo Freire (2004) *apud* Rondelli (2003b), classes A e B, tem a possibilidade de, através das ferramentas digitais, produzir conhecimento, ampliar o horizonte profissional, e assim, se tornar um cidadão do século XXI consciente. Mas, este contexto de acesso aos computadores e internet, vem sendo modificado aos poucos através de programas do governo, educacionais, *lan houses*, além do baixo custo das ferramentas.

Neste sentido, é importante analisar alguns dados obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), IBGE 2011, referente ao período de 2009 a 2011, com intuito de identificar a quantidade de pessoas que possuem *microcomputadores e internet* no Brasil, a partir da amostra de 358.919 pessoas e 146.207 unidades domiciliares distribuídas por todas as Unidades da Federação. Em 2011, a população residente no Brasil foi estimada em 195,2 milhões, o que se traduz em um crescimento de 1,8% (3,5 milhões) em relação aos dados da PNAD 2009. As mulheres representavam 51,5% (100,5 milhões de pessoas) desta população e os homens, 48,5% (94,7 milhões). Ainda, destacamos uma estimativa divulgada pelo IBGE, que dos milhões de habitantes do Brasil, residindo em 5.565 municípios, 53.907 milhões vivem nos nove estados do Nordeste.

Já, no contexto tecnológico, em 2011, se constatou que 29,7% da população brasileira apresenta computador em casa, 39,8% tem computador com acesso à internet, e 77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade declararam ter utilizado a Internet até hoje, afirmando que os usuários da Internet correspondiam a 46,5% da população de 10 anos ou mais de idade, representando uma elevação de 4,9 pontos percentuais em relação a 2009.

Todos estes dados mostram que muitas pessoas possuem computadores, e até acesso à internet, porém é necessário realizarmos alguns questionamentos, como: qual está sendo a verdadeira utilidade desta máquina? O que se tem produzido? O que se tem pesquisado? Ela tem contribuído no seu potencial pessoal e profissional? Tem contribuído ou atrapalhado o seu relacionamento na família? O usuário tem consciência que está em um ambiente totalmente público? Ou ainda, no ambiente escolar, os projetos do Governo Federal como “Um computador por aluno”, ou “Banda Larga nas escolas”, ou “Proinfo Integrado”, ou “Projeto Cidadão Conectado – Computador para todos”, “*tablets*”, tem sido aplicados de forma a potencializar o conhecimento/aprendizado, ou tem se tornado apenas um objetivo capitalista de vendas? E, mesmo diante desta possibilidade de acesso as ferramentas, pode-se afirmar que existe “inclusão digital”?

Estes diversos questionamentos são a base que fundamentam a pesquisa/experiência, e no decorrer da análise tentaremos respondê-los.

No Estudo de caso que analisaremos posteriormente, perceberemos que a realidade em que os responsáveis, dos alunos da Escola Santa Maria – Igarassu/PE, se encontram, é altamente precário, pois, são pessoas de baixa escolaridade e qualificação profissional, inseridas num contexto marcado pela desagregação familiar, marginalização, exclusão social

e cultural, mas, “inseridas”, mesmo sem perceber, em uma *sociedade contemporânea* (COSTA, 2005).

Com isso, podemos verificar se a *inclusão*, por parte de diversos programas do Governo ou de Escolas, está sendo trabalhada no processo posterior ao acesso às tecnologias. Pois, é necessário contrapor o pensamento de Lemos (2003), que define *incluir*, como sendo um dogma, no qual reflete a ausência de discussões, significados, fornecendo a tecnologia, mas esquecendo de aplicar processos cognitivos questionadores.

E, diante disso, o Estudo de caso analisado, vem dá um novo ponto de vista, sobre o sentido de inserir de forma questionadora a tecnologia, modificando a maneira de pensar e agir, tornando os indivíduos protagonistas da produção do conhecimento, oportunizando “condições para que os sujeitos sejam capazes de participar, questionar, produzir, decidir, transformar, tornando-se parte integrante da dinâmica social, em todas as suas instâncias” (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 35 *apud* BONILLA, 2005, p. 43).

Neste contexto, para garantir que todos tenham o acesso de forma coerente com a proposta de *utilização de forma consciente das ferramentas digitais*, especificamente, o *computador*, no Brasil, diversos programas foram criados para possibilitar este acesso. Porém, um aspecto fundamental neste processo está sendo “esquecido”, a *formação qualificada para o uso*. Alguns programas do Governo Federal, com êxito aparente, está se preocupando mais com a “alfabetização digital” (RONDELLI, 2003b), do que com a inclusão digital dos cidadãos. Segundo Freire (2004, p. 191) *apud* Rondelli (2003b), “a alfabetização digital é apenas parte do processo de inclusão digital, a aprendizagem necessária ao indivíduo para circular e interagir no mundo das mídias digitais como consumidor e como produtor de seus conteúdos e processos”.

A partir disso, podemos afirmar que, incluir um indivíduo na sociedade digital, não é apenas entregar-lhe a ferramenta, ou ainda, orientá-lo como *ligar/desligar*, ou utilizar tal e tal programa, é importante que este consiga receber informações, mas através delas, construí seu próprio capital social, cultural, técnico e intelectual, pois, como afirma Lemos (2011, p. 17), “Incluir é (...), em qualquer área e em todos os sentidos, possibilitar os crescimentos dos quatro capitais”; e, portanto, possibilitando ao indivíduo deixar de ser um *cidadão passivo digitalmente*, para se tornar, *ativo digitalmente*.

Segundo Filho (2003),

um parceiro importante à inclusão digital é a educação. A inclusão digital deve ser parte do processo de ensino de forma a promover a educação

continuada. Note que educação é um processo e a inclusão digital é elemento essencial deste processo. Embora a ação governamental seja de suma importância, ela deve ter a participação de toda sociedade face a necessidade premente que se tem de acesso a educação e redistribuição de renda permitindo assim acesso as TIC's (FILHO, 2003, p. 2).

Portanto, depende dos docentes a mudança deste paradigma, no qual define a inclusão atualmente, de forma lúdica, como uma raiz que é retirada da terra (conceito de exclusão), moldada e enterrada (conceito de inclusão) novamente, porém, volta a *terra* como o jardineiro (seria o capitalismo) ordenar.

O capitalismo na verdade desenraiza e brutaliza a todos, exclui a todos. Na sociedade capitalista essa é uma regra estruturante: todos nós, em vários momentos de nossa vida, e de diferentes modos, dolorosos ou não, fomos desenraizados e excluídos. É próprio dessa lógica de exclusão a inclusão. A sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica. O problema está justamente nessa inclusão (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 28 *apud* MARTINS, 2003, p. 32).

Neste ponto, é que entra no processo da inclusão, a formação adequada, contribuindo no crescimento do indivíduo, de acordo com os quatro capitais definidos por Lemos (2011, p. 17).

3 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

3.1 FAMÍLIA E O SURGIMENTO DA ESCOLA

Desde o século XVII até hoje, século XXI, tivemos diversas mudanças bruscas no que compreendíamos sobre *família*, visto que ela se molda de acordo com o tempo, fazendo com que tenhamos diversos conceitos de família, dividindo-a em tradicional e contemporânea.

Analisando historicamente, começamos pela família tradicional, aquela formada por um pai, uma mãe e muitos filhos; e, que tem como objetivo formar o ser humano para uma realização pessoal e de como deve agir perante a sociedade, pois esta acredita que o ser começa a se formar dentro do contexto familiar, a partir das necessidades básicas, até o desenvolvimento do seu caráter, ajudando-o nas escolhas profissionais, pessoais, na formação dos valores morais e éticos, entre outros aspectos. Porém, a educação para a família tradicional é bastante rígida, sendo estruturalmente descrita como, o pai é o chefe da família, a mulher aquela que cozinha, cuida dos filhos e do marido, e os filhos não tem nenhuma opção

de expressar nada, nem sentimentos. É tanto que, por exemplo, quando o pai estava escutando uma canção no rádio, os filhos e a mulher deveriam escutar também, sem questionar, pois a autoridade estava nele. Todas essas características vêm da Idade Média, na qual acreditavam que a família era responsável por assegurar a vida de gerações, então, deveria apenas procriar e não ter envolvimento afetivos.

No século XVIII, com a ascensão do poder da burguesia, começaram a surgir diversas mudanças na família, como a privacidade, que a partir deste período passaram a criar cômodos separados nas casas; as crianças, que antes não tinham voz sobre a sociedade, passam a ser percebidas como seres em formação, portanto, precisavam ser acompanhadas de forma a serem educadas no pessoal, no espiritual e no profissional.

Neste contexto surge a família contemporânea, em que pais passam a se preocupar como devem preparar seus filhos para a vida. Diante disso, resolvem substituir o aprendizado que era feito unicamente em casa, pelo ensino-aprendizagem nas *Escolas*.

As primeiras escolas, no mundo ocidental, foram formadas por padres/professores jesuítas, e se chamavam escolas de caridade, que atendiam tanto aos pobres quanto aos ricos.

A história da educação no Brasil carrega, portanto, a marca indelével do projeto de colonização planejado por Portugal e desenvolvido pela Companhia de Jesus. Acredita-se que a proposta pedagógica dos jesuítas tiveram papel fundamental para que o projeto de colonização português pudesse ir além do período do descobrimento. Desde o primeiro momento das investidas lusitanas no Novo Mundo, a campanha jesuítica esteve à frente do projeto educacional, que teve início no século XVI, e que levou a colonialização a atingir seu pleno desenvolvimento no século XVIII. Investigar a história do ensino no Brasil implica o reconhecimento do empreendimento de Santo Inácio de Loyola (1491 – 1556), não somente como um dispositivo crucial no fortalecimento das práticas de ensino no país, mas como o instrumento capaz de civilizar a selvageria dos nativos da América (SÁ; COELHO, 2013, p. 2).

Porém, a questão da desigualdade social começa a entrar em evidência também na educação, pois são criadas novas escolas para atender as crianças de classe econômica alta, e os pobres continuam nas escolas de caridade, com uma educação primária básica.

Essa desigualdade acompanhou os séculos seguintes, tornando os indivíduos cada vez mais excludentes e individualistas, no qual cada um se preocupa com a sua família, e apenas quem tem direito ao estudo de qualidade são as famílias de condições financeiras alta. Neste sentido, gostaríamos de chamar a atenção para o aspecto da individualidade, em que as famílias passaram a viver praticamente em blocos, bloco do pai, bloco da mãe, bloco dos filhos, todos divididos por paredes invisíveis.

Com isso, podemos perceber que a família contemporânea é fruto das diversas transformações que ocorreram no âmbito social, político e econômico, e que com a influência do processo histórico, se construíram novas configurações familiares, que Magalhães (2007) chama de *arranjos*, afirmando que

as mudanças aceleradas e fluidas da sociedade contemporânea e a transformação dos padrões tradicionais familiares, parâmetros de referência para o desempenho dos papéis parentais nas décadas anteriores, a paternidade tem sido permanentemente desafiada. Os diferentes arranjos familiares da atualidade, famílias monoparentais (feminina ou masculina), biparentais (hetero ou homossexuais) e reconstituídas, impõem transformações no exercício da paternidade. Nos múltiplos arranjos familiares encontrados, as regras familiares, os valores, os modos de expressão dos afetos, a hierarquia, assim como as metas familiares, constituem-se diferentemente. Ressalto que o tipo de arranjo familiar não determina a possibilidade de criar filhos emocionalmente saudáveis. Contudo, as diferentes condições familiares influenciam o modo de exercer a paternidade (MAGALHÃES, 2007).

Todas estas novas configurações da família podem ser embasadas pelo sistema capitalista que, contrário ao período industrial em que as pessoas trabalhavam para a sobrevivência de todos, hoje lutam dentro de um sistema competitivo, que não pensa no bem estar do próximo, mas apenas o vê como *máquina produtora de mão de obra*, e que tem como espírito a ganância de vencer na vida à custa de passar por cima de todos.

Esta, infelizmente, é a realidade que se encontra a família contemporânea, em uma sociedade individualista, com conflitos de valores, princípios, objetivos de vida; e que por uma necessidade dos pais trabalharem para sustentar toda uma família, são obrigados a deixarem seus filhos à mercê do computador, da internet, do videogame, da TV, ou com babás, avós, irmãos, muitas vezes sem a devida preparação para “educar” e isso pode causar futuros conflitos psicológicos. Esta realidade acaba ocasionando o que Portilho (2014, p. 10) definiu como tema do artigo “Mamãe eu quero”, uma sociedade gerada sem limites, e sem hierarquias de autoridades familiares.

3.2 PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO FAMILIAR

Historicamente, destacamos anteriormente a trajetória que a família sofreu no decorrer dos séculos, e como o surgimento da Escola foi importante para o processo de crescimento na formação dos indivíduos. Porém, a instituição de ensino passou a executar um papel que não compõe ao projeto da sua estrutura, que é de substituir a função da “mãe” e do “pai” dos

alunos. Tem sim, como função contribuir com a formação social, cultural e profissional do indivíduo, mas não realizar sozinha esta tarefa, pois a família exerce um papel fundamental na construção da personalidade do ser humano, já que ela exerce um ambiente “privilegiado para a socialização, divisão de responsabilidades, prática de tolerância, busca da sobrevivência, lugar inicial para o exercício da cidadania e base de conhecimento sobre igualdade, respeito, direitos e deveres dentro da sociedade.” (FILHO, 2003, p. 42)

No entanto, como as famílias contemporâneas não estão conseguindo realizar a sua tarefa de “educar” de forma convicta, devido as várias realidades que compõem a família hoje, como vida matrimonial instável, o divórcio, precária situação econômica, emancipação da mulher, realização humana e profissional, formação profissional, mulheres como chefes de família, com filhos e pais diferentes, filhos de segunda e terceira união; o papel da educação foi redirecionado para as escolas, que além de terem que cumprir com o aspecto da transmissão das informações que promovam conhecimento, assumem a responsabilidade de formar cidadãos protagonistas e críticos. Contudo, não se tem uma garantia que a instituição está preparada para uma formação de consciência, com valores éticos e morais, também para o campo profissional, além das noções de bem e de mal, enfim, a escola necessita está preparada para formar valores permanentes.

A Escola Santa Maria, que mais a frente será apresentada de forma mais detalhada, é um exemplo da concretização desta realidade, em que a Escola assume o papel de educar os alunos, sendo “mães e pais” de criação, porém de forma diferente, assumindo não só a educação dos alunos, mas também acompanhando os responsáveis familiares, com o intuito de compreenderem que a união da Família com a Escola proporcionará, de maneira mais efetiva e eficaz, a responsabilidade que cada uma exerce na formação do indivíduo.

É necessário que haja grande entendimento entre ambas, para que se tornem parceiras nessa tarefa tão valiosa, que é a formação de um indivíduo afetivo e social, que vá interferir de maneira positiva para a melhoria da Sociedade, na qual ele está inserido. Muitas vezes, para que haja comunicação é preciso ouvir a linguagem do nosso coração, a comunicação através do sentimento, que sempre fala mais alto que palavras. Nós podemos até não entender o significado de muitas palavras, mas sabemos registrar um gesto de amor. E atualmente o que vemos é a falta deste gesto de amor entre pais e filhos, que apesar de estarem embaixo do mesmo teto, estão muito distante um do outro. Não podemos deixar que a velocidade dos acontecimentos desta era, nos afaste dos nossos filhos, temos que procurar, criar meios de comunicação e de demonstrar o nosso amor e afeto à eles (LIMA, 2005. p. 15).

O que Lima (2005) afirma pode ser reescrito como o exercício do equilíbrio das funções que cada um exerce sobre a sociedade, tanto a Escola, quanto a Família, quanto os indivíduos.

4 CONTEXTO DA ESCOLA SANTA MARIA

A Escola Santa Maria fica localizada na Mariápolis Santa Maria, na cidade de Igarassu, região metropolitana do Recife. É de natureza privada, sem fins lucrativos. Nasceu informalmente em 1967, durante a construção do primeiro centro de formação dos membros do Movimento dos Focolares, para atender a uma demanda concreta: alfabetização dos operários. Com o passar do tempo, os operários perceberam os resultados positivos do empreendimento e solicitaram que as aulas se estendessem aos próprios filhos. Assim chegaram as primeiras crianças.

A extensão do ensino aos filhos visa preencher uma lacuna na atuação do Estado como provedor de serviços básicos, dentre eles o da educação, o que gera a necessidade de a sociedade civil assumir responsabilidades originalmente atribuíveis ao Estado, em sintonia com o modelo de produção vigente, o capitalismo.

A Escola foi reconhecida oficialmente em 1982, pelo Decreto do Governo Federal nº 242, de 19.01.1982, da Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco, como projeto ligado à Sociedade Movimento dos Focolares, que tem sede no Estado de São Paulo. Tendo em vista que as Obras Sociais do Estado de São Paulo, onde ficava a matriz, são de cunho preponderantemente assistencial, em 28 de janeiro de 2011, houve um desmembramento e foi criada a Sociedade Movimento dos Focolares Nordeste/Escola Santa Maria, de cunho educacional. Esta modificação foi necessária para atender às exigências da Lei 12.101/2009, regulamentada pelo Decreto do Governo Federal nº 8.242/14, que estabelece a necessidade de subordinação das entidades educacionais ao Ministério da Educação, mantendo a matriz ligada ao Ministério de Assistência e Previdência Social.

A Escola Santa Maria tem por finalidade a formação, educação integral e assistência social de crianças e adolescentes. Anualmente atende diretamente cerca de 570 crianças e adolescentes, na faixa etária de 4 a 16 anos, da educação infantil e do fundamental, e seus familiares e responsáveis, pertencentes às comunidades circunvizinhas. Na sua maioria são famílias de baixa renda, que enfrentam consequências dos mais variados problemas sociais, dentre os quais salientamos o desemprego, a vulnerabilização familiar, a falta de opções para

cultura e lazer. Envolvendo-os no processo educativo, por meio de um diálogo permanente e em sintonia com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que em seu Art. 1º estabelece que:

a educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, dos movimentos sociais e da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

A Escola Santa Maria, segue as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com a realidade local. No processo de avaliação escolar, o rendimento dos alunos é resultante da análise de múltiplos aspectos da sua realidade, levando-se em consideração a interação entre o contexto familiar, social, econômico, cultural, psicológico e cognitivo, analisados por profissionais das respectivas áreas. Assim, cada componente da equipe orienta sua prática de acordo com o propósito de construção coletiva, voltada a combater o baixo rendimento escolar.

O objetivo geral da Escola Santa Maria é formar alunos com plena consciência de sua cidadania e do papel que podem desempenhar na construção da própria história e nas transformações dos ambientes onde estão inseridos. Portanto, ela coloca em prática o que Moran (2007, p. 12-13) define como processo de Educação e de Educar, afirmando que:

Educação é um foco além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, é ajudar a integrar todas as dimensões da vida e encontrar o caminho intelectual, emocional, profissional que leve o indivíduo a realização e contribuição para a mudança social. E, Educar, é transformar a vida em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, mostrar um projeto de vida que lhes permitam encontrar seus passos pessoais, tanto no social como no profissional, com o objetivo de torna-los cidadãos realizados e produtivos (MORAN, 2007, p. 12-13).

Neste sentido, há três objetivos específicos: tratar o conhecimento de forma contextualizada, num processo de ação-reflexão-ação, orientando o aluno na construção/assimilação para a organização do pensamento; levar toda comunidade escolar a vivenciar a cidadania como participação social e política, por meio da reflexão sobre seus direitos e deveres; e construir atividades de solidariedade e cooperação, por meio do respeito mútuo e da rejeição às injustiças.

Sua linha de trabalho é a educação interligada aos aspectos pedagógicos sociais e de saúde. Para tal, a escola desenvolve projetos e programas como o Clube do Doar; Projeto Viver; Curso Psicossocial; e programa de assistência médica e odontológica. Tais programas e

projetos que são realizados na Escola, são discutidos e decididos com a participação dos profissionais da escola, ligados a cada área, respeitando as suas peculiaridades e competências.

4.1 O PROJETO PSICOSSOCIAL: FORTALECENDO LAÇOS

Diante do trabalho que é realizado pela Escola, com relação a formação dos alunos e da família, este projeto acompanha à população atendida pela Escola Santa Maria, que são crianças e adolescentes oriundos de família onde o desemprego, o subemprego e o trabalho informal dominam, justamente pela falta de escolaridade e qualificação profissional dos pais. Um contexto marcado pela desagregação familiar, marginalização, exclusão social e cultural. Além da fome, alcoolismo, uso e tráfico de drogas, abuso sexual de menores, prostituição e a falta de opções para um lazer saudável deixam essas crianças diretamente expostas.

Diante desta realidade, surgem algumas hipóteses com relação ao relacionamento entre pais e filhos: a primeira, a existência de uma relação direta entre a dinâmica familiar e o mau comportamento de alguns alunos na escola. Pois, a falta de rotina benéfica familiar poderia ser uma das causas da não aceitação de limites na escola.

Mais uma hipótese era a existência de uma aparente falta de afetividade dos pais para com os seus filhos, provavelmente devido a situações sócio-econômico-culturais.

Partindo destas hipóteses se inicia um treinamento de pais, com o objetivo de intervir no contexto familiar, buscando ver quais reforçadores positivos e ou negativos a ignorar e os comportamentos negativos que podem ser ignorados e não trazem riscos para a criança ou para outras pessoas. Como também ajudar os pais a reduzir o comportamento agressivo epositor em seus filhos.

Através do conhecimento científico que se tem sobre as crianças, estas são consideradas não apenas seres frágeis e dependentes de cuidados básicos envolvendo alimentação e higiene, como também dependem muito de afeto positivo, amoroso, para que se desenvolvam saudavelmente.

Por isso, o engajamento dos pais é crucial para o sucesso do trabalho do psicólogo escolar, de nada adianta o psicólogo tentar modificar o comportamento negativo da criança se este é reforçado em casa. E, os pais adquirindo habilidades para modificar seus próprios comportamentos e conseqüentemente o de seus filhos, maximiza-se o trabalho com as crianças acompanhadas pelo psicólogo.

Baseado nesses resultados elaborou-se um projeto que atingisse essa criança no seu ambiente familiar uma vez que é na família onde ela vivencia a maioria dos seus comportamentos e conseqüentemente o desenvolvimento de sua personalidade.

Surgindo assim a necessidade de um diálogo mais efetivo com os pais, partindo do princípio que para modificar o ambiente interno de uma criança é necessário que os pais se disponibilizem a trabalhar em conjunto com o psicólogo no mesmo “plano de jogo” para que a criança receba os mesmos sinais sem confusão, pois os padrões de interação familiar contribuem com os problemas comportamentais desafiadores.

Com isso, foi elaborado um projeto com intervenções psicossociais junto às famílias a fim de trabalhar a questão da subjetividade dos genitores visando elevar sua autoestima e assim a transformação familiar mais profundamente.

A intervenção se pautou na metodologia da Terapia Cognitivo-Comportamental aplicada a mães ou responsáveis dos alunos da escola, para que pudessem, a partir das discussões e reflexões realizadas no grupo, pensar e promover mudanças significativas nas suas famílias e em cada uma delas.

Esta metodologia foi dividida em duas partes, a intervenção clínica, através de atendimentos psicoterápicos; e, a outra parte foi na realização de oficinas de terapia ocupacional, com os cursos de artesanato, informática e atividades de expressão corporal.

4.2 O CURSO DE INFORMÁTICA E EXPERIÊNCIA DA PESQUISADORA

Dentro da terapia ocupacional, o curso básico de informática foi criado com o objetivo de inserir as mães ou responsáveis no contexto social da atualidade, que é a era tecnológica, principalmente conceitos ligados ao computador, a internet, e a velocidade da informação.

O curso foi realizado no ano de 2012, e durou três (3) meses, com 4 horas semanais. Se matricularam no curso 23 mães ou responsáveis, mas só 13 concluíram, permanecendo firmes às dificuldades, mesmo em meio a tantas realidades domésticas e físicas que estão presentes neste contexto familiar do ser “mãe”.

Inicialmente, uma ementa foi estabelecida a partir de conteúdos básicos da área de Informática, sendo: História da Informática; Ligar e Desligar computador; Navegação no ambiente computacional; Práticas de digitação e controle do mouse; Começando a navegar na rede; Pesquisar na Internet; e Criação de e-mail.

Porém, das 13 mães efetivas, apenas uma tinha conhecimento e um pouco de experiência com o computador. Esta realidade me fez perceber o quanto é importante conhecer, se possível de forma única, cada aluno. Pois, cada uma tinha características e particularidades diferentes, não existindo uniformidade na turma.

Este contexto fez com que a pesquisadora mudasse a perspectiva que tinha com relação ao contexto de ensinar, principalmente quando as alunas diziam “Professora, eu não consigo...”, outra “Professora, qual o sentido de ir até o fim nesta tarefa?”, ou “Professora, tenho medo de ligar o computador?”, ou ainda “Professora o mouse desapareceu?”, questionamentos e afirmações que mudaram toda a ementa definida anteriormente, pois o tempo era curto, mas era necessário um acompanhamento particular em prol de contribuir na superação dos obstáculos de cada aluna, constatando que não é apenas o conhecimento técnico que importa, mas sim todo o contexto em torno daquele determinado aluno; e que observar depois e existência de sentimentos como superação, controle da máquina, da autoestima de “eu posso, eu consigo, eu vou tentar”, da confiança de se tornar protagonista quando se cria e digita um texto, enfim, sentimentos e ações que modificam a maneira de agir do indivíduo, pois ele se torna ator principal das suas escolhas, e assim, pode também tornar-se ator principal da sua família, contribuindo de forma adequada na formação do seu/sua filho/filha/neto/neta.

Então, este curso de informática, na Escola Santa Maria, me fez descobrir que ser professor é ensinar perfeitamente o conteúdo que tem a formação, mas não é apenas isso, pois deve ter a sensibilidade de compreender cada aluno que estiver a sua frente, e como Chiara Lubich (2013, p. 13) certa vez disse “que ninguém passe em vão ao meu lado”, com isso, que nenhum aluno passe despercebido aos olhos do/a professor/a.

5 PERCURSO METODOLÓGICO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram avaliados, do ponto de vista metodológico, a partir de duas abordagens: quantitativas e qualitativas. Com o objetivo de descrever a eficácia e eficiência do projeto criado pela Escola Santa Maria, o *Fortalecendo laços*, especificamente o Estudo de Caso da experiência realizada em 2012, ao ministrar um curso de informática básica, sendo uma abordagem **qualitativa** aliada a dados **quantitativos**, para através da aplicação de questionário atingir os objetivos da pesquisa, estabelecendo uma coleta de dados de forma

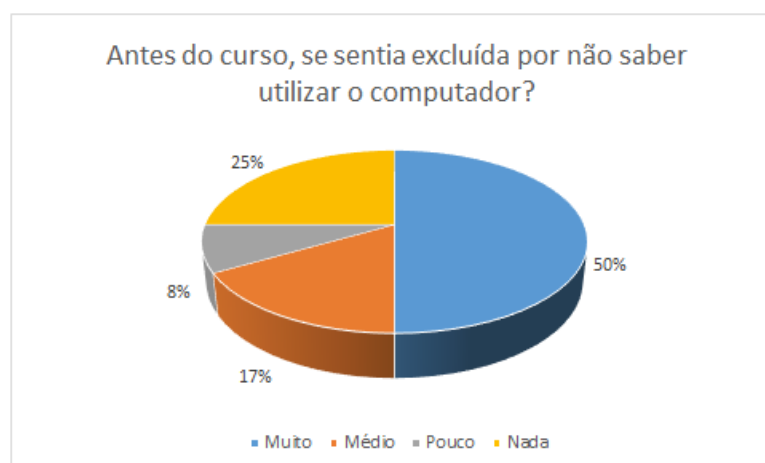
semiestruturada, facilitando os níveis de avaliação de cada ator/aluna. Segundo Ludke e André (2003) existem cinco características básicas que configuram uma pesquisa qualitativa:

1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (...); 2) os dados coletados são predominantemente descritivos (...); 3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto (...); 4) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador (...); e 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (...) (LUDKE & ANDRÉ, 2003).

Com base nesta definição, o questionário foi constituído por 11 perguntas, cada uma direcionada aos objetivos e justificativa da pesquisa.

Começando pelo grupo de mães ou responsáveis que se inscreveram no curso de informática, destacamos que só 57% foram até o final, totalizando 13 alunas, com faixa etária de 34 a 48 anos de idade. O que leva ao questionamento do porque a ausência de 10 mães que se inscreveram, mas não compareceram. Com isso, observando que no início do curso o grau de sentimento de exclusão era elevado, por não saberem utilizar o computador, como mostra a *Figura 1*, e devido ao mínimo de tempo “livre” que as mães/responsáveis tem nos dias hoje, possam ser justificativas desta ausência, porém durante o curso não se teve nenhuma atenção com relação ao motivo que ocasionou a falta de compromisso ou motivação destas mães/responsáveis.

Figura 1: Percentual do sentimento de exclusão digital por não saberem utilizar o computador.



Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

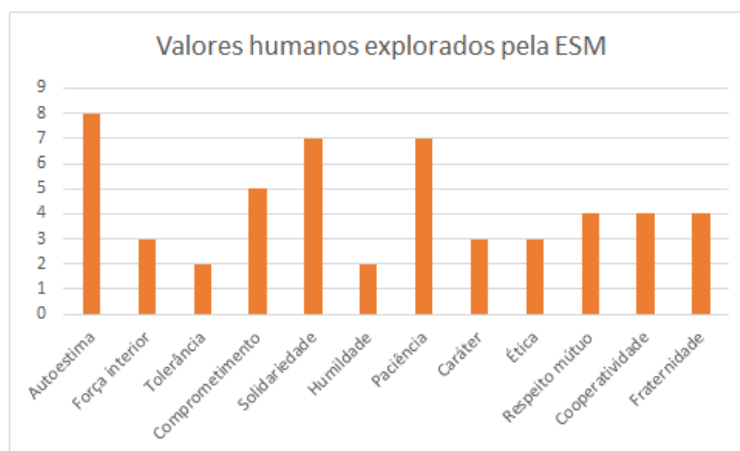
Até é uma surpresa quando encontramos alguém, nos dias de hoje, que não sabem utilizar ou, como vamos ver adiante, sabe manipular funções básicas, mas não sabe o que está

fazendo, ou qual o objetivo de utilizar o computador como ferramenta de auxílio humano, e, portanto retira o potencial que esta máquina apresenta.

O primeiro ponto questionado foi com relação aos valores que a Escola Santa Maria exerce tanto na formação do aluno, quanto da família, expressada pela pessoa física *mãe ou responsável*, e de acordo com suas respostas podemos identificar que o objetivo do projeto *Fortalecendo laços* foi atingido, como mostra a *Figura 2*, no qual 8 das 13 mães concluintes afirmaram que a **autoestima** é o valor que elas mais sentem mudanças, em segundo lugar fica a **solidariedade** e a **paciência**, seguindo em terceiro pelo **comprometimento**, no quarto ficam empatadas **respeito mútuo**, **cooperatividade** e **fraternidade**, após 3 mães afirmam que **a força interior**, **o caráter** e a **ética** são também valores acrescentados em sua formação, e conclui com **tolerância** e **humildade**, sendo que apenas duas mães escolheram estas opções.

É possível constatar, na prática, a atenção particular que a Escola analisada apresenta em seu projeto pedagógico, plenamente embasado por princípios que formam o cidadão para uma vida crítica e autêntica.

Figura 2: Quantidade dos valores humanos explorados pela ESM.



Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

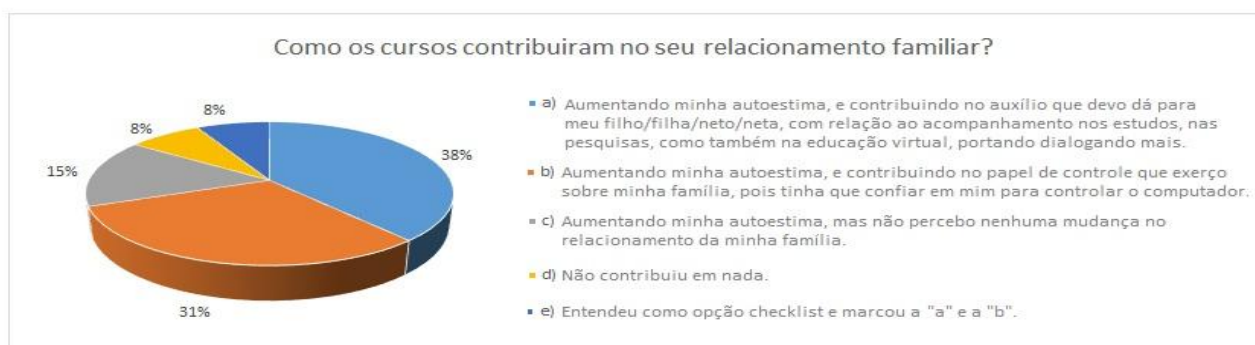
Diante da realidade de formar tanto o aluno quanto a família, foi necessário, para a escola, realizar um trabalho junto a Psicologia, que é o projeto *Fortalecendo Laços*, com isso foi perguntado para as mães/responsáveis como elas avaliam esta parceria entre a educação e a psicologia, e 100% acreditam que esta aliança as ajuda a compreender melhor as suas famílias e como agir diante das situações cotidianas.

Com relação a esta parceria, e acreditando que a psicologia contribui para uma melhor compreensão de como lidar nas ações do ambiente familiar, questionei-as com relação a metodologia de terapia que a Psicóloga utilizou, sendo a Terapia Cognitivo-Comportamental,

através de minicursos, portanto, como estes cursos, especificamente o de informática, ajudaram no relacionamento familiar.

A maioria delas, constatando 38%, como mostra a *Figura 3*, responderam que os cursos aumentaram sua autoestima, também as inserindo em uma sociedade da informação e da informatização, o que as impulsionaram a, acreditando em suas capacidades, acompanhar seus/suas filhos/filhas/netos/netas nos estudos, nas pesquisas escolares e cotidianas, além da orientação na utilização do ambiente virtual, provocando um maior diálogo familiar.

Figura 3: Contribuição do curso de informática no relacionamento familiar.

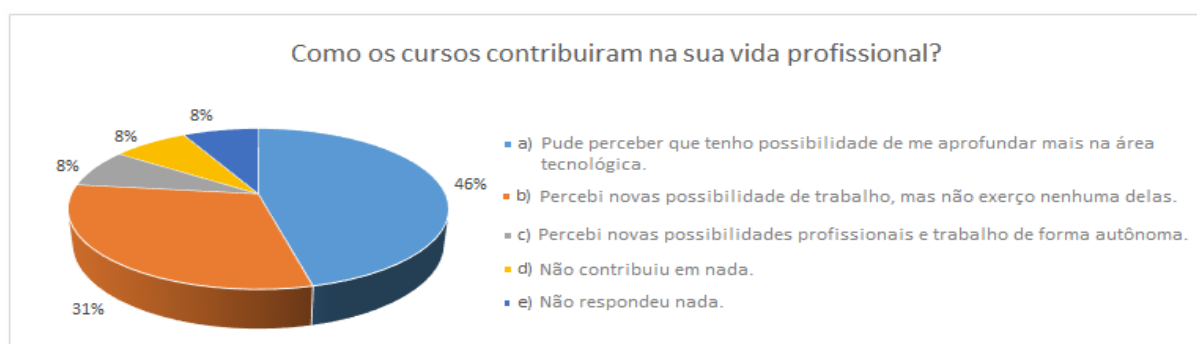


Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Já com relação à contribuição que cada curso, especificamente o de informática, trouxe para o ramo profissional, como mostra a *Figura 4*, é notório verificar que a maioria das mães/responsáveis sentiram a confiança e a possibilidade de, mesmo estando com um idade relevante, ainda há tempo para aprofundarem seus conhecimentos, principalmente na área tecnológica.

Portanto, perceber que o conhecimento pode ser adquirido em qualquer momento da vida, e que elas são, além de mães/responsáveis, protagonistas das suas realidades familiares e profissionais.

Figura 4: Percentual da contribuição do curso de informática na vida profissional.



Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Durante o curso de informática muitas dificuldades foram enfrentadas, inicialmente pela falta de experiência que elas tinham, com o computador. Como mostra a *Figura 5*, a maioria delas **não sabia nada** ou **apenas sabia ligar a máquina**.

Figura 5: Quantidade da frequência com que utilizava o computador.



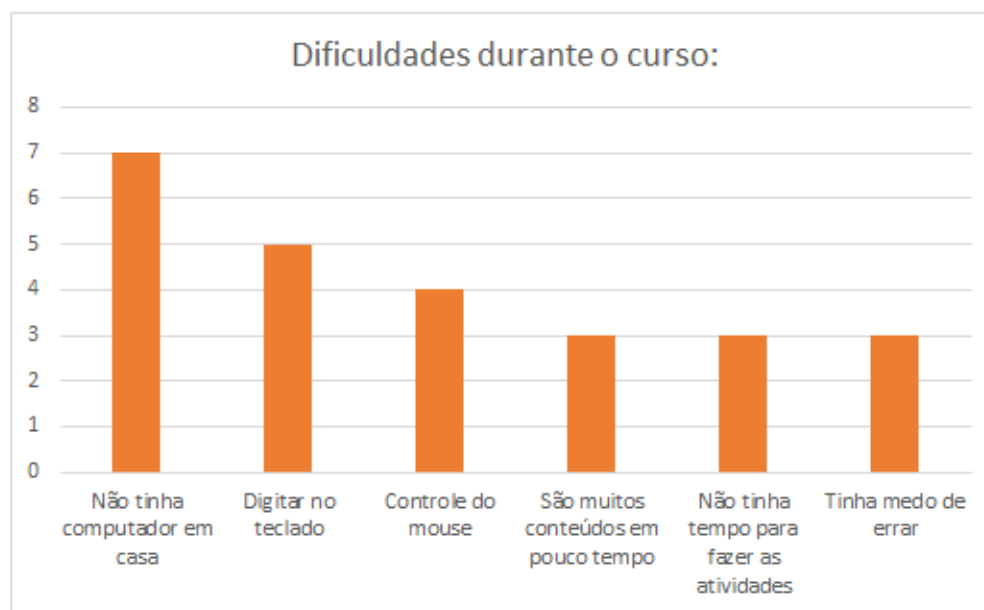
Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Portanto, podemos afirmar que a experiência era mínima, mesmo estando na sociedade da informação e da informatização dos equipamentos.

As várias dificuldades, particulares e coletivas, que surgiram durante o curso provocaram uma mudança significativa na ementa estabelecida inicialmente, devido ao fato de ser constatada uma turma de alunas heterogênea, no qual cada uma apresentava dificuldades diferentes, com maneiras de lidar de forma diferente. Como mostra a *Figura 6*, o quesito que comprovou maior dificuldade era a falta de computador na residência, o que provocou a ausência da prática durante o curso, com isso, a não realização das atividades em horários opostos ao período das aulas.

Outro quesito relevante foi com relação a não facilidade em manusear os dispositivos de interação *teclado* e *mouse*, o que ocasionou diversos sentimentos de medo, frustração, desconfiança pessoal. Neste momento, se constatou a importância da atenção especial que o mediador/professor deve ter para cada aluno, sendo aquele que impulsiona, acredita e ajuda o outro a se reestabelecer no processo de ensino-aprendizagem. Além, de estimular a confiança pessoal que cada aluna deve ter para poder agir de forma ativa perante a sociedade, a família e a sua vida.

Figura 6: Dificuldades encontradas durante o curso de informática.



Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Aqui podemos perceber a comprovação de um dos objetivos específicos desta pesquisa, que é mostrar a importância do papel do mediador/professor no processo de ensino-aprendizagem de cada aluno, pois é correto afirmar que ele é o impulsionador do conhecimento, porém para que este exerça o ser professor, é necessário compreender um universo maior que o da sala de aula, o universo do aluno, envolvendo a cultura, os valores, o nível de conhecimento, a estrutura familiar, se possível, enfim, o contexto pessoal do discente.

Neste âmbito, lembrando o objetivo do projeto *Fortalecendo Laços*, que é aumentar a autoestima de mães/responsáveis que vivem em ambiente marcado pela desagregação familiar, e a partir das discussões e reflexões realizadas em grupo, pensar e promover mudanças significativas nas suas famílias e em cada uma delas. Foram questionadas com relação à contribuição que os cursos, principalmente o de informática, trouxeram, que as ajudam na educação e no acompanhamento do seu filho/filha/neto/neta na escola e em casa.

Muitas delas afirmaram como mostra a *Figura 7*, que depois do curso de informática perceberam que poderiam educar seus filhos/filhas/netos/netas para uma utilização consciente dos componentes da computação, por exemplo, em uma atividade da escola que seja necessário realizar uma pesquisa no Google, elas agora os/as orientavam para não apenas copiar da internet e colar no trabalho da escola, mas deveriam analisar e construir seu próprio trabalho, portanto, sua própria opinião.

Figura 7: Contribuição do curso de informática para o acompanhamento nas atividades escolares.

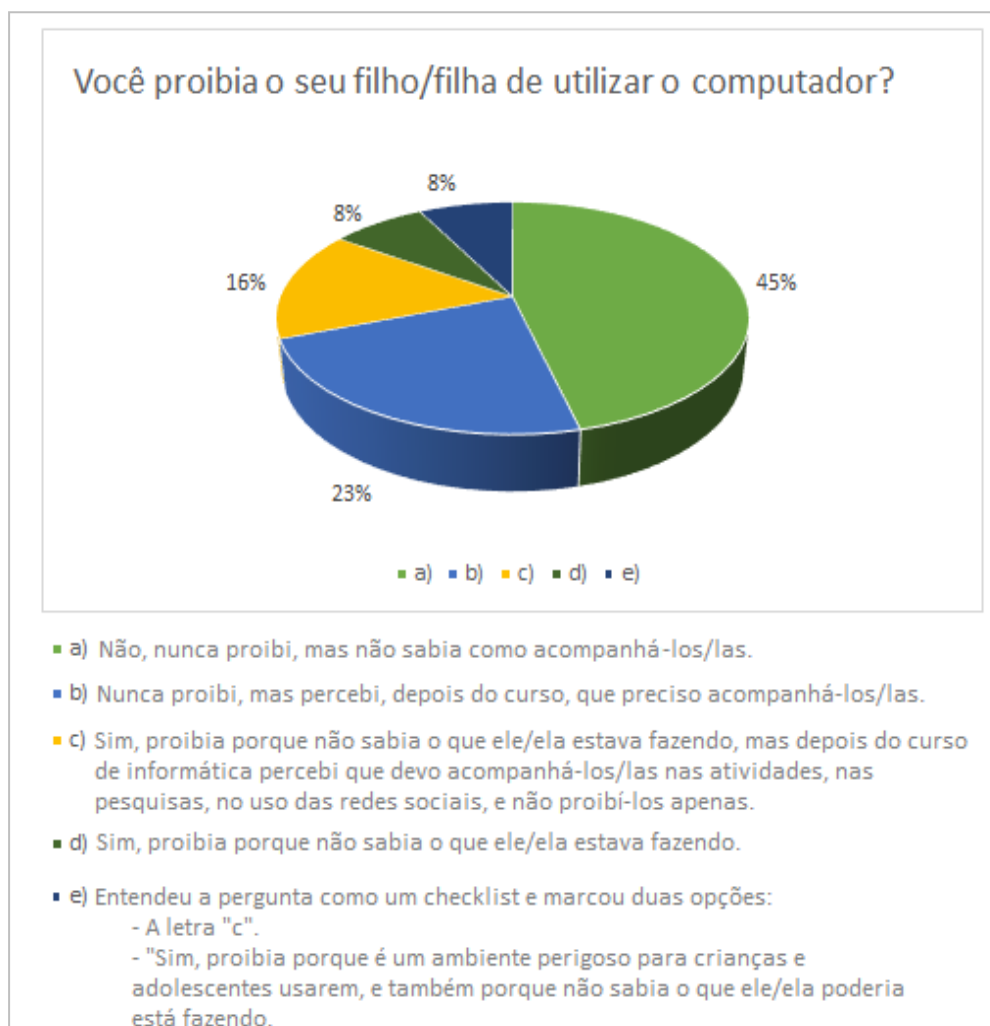


Fonte: Dados coletado na Escola Santa Maria.

Neste contexto de acompanhamento nas atividades, na escola, em casa, no ambiente da internet, no âmbito da informática, é necessário observar a variedade de cuidados que a responsável deve ter, devido ao fato de ser um local com uma diversidade de contextos positivos, mas também negativos.

A maioria das alunas, como mostra a *Figura 8*, afirmaram que antes do curso não proibiam a utilização do computador/internet, por partes dos seus filhos/filhas/netos/netas, porém não sabiam como acompanhá-los/las nas atividades, nas redes sociais, nas pesquisas, etc.

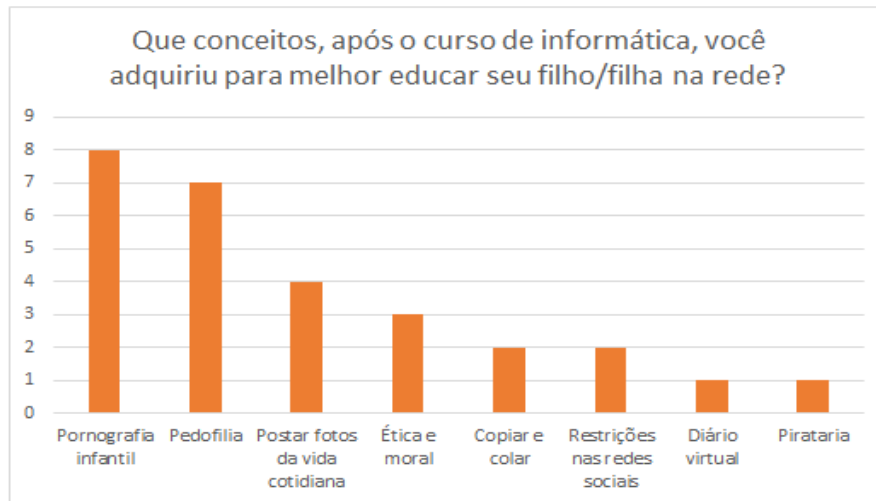
Figura 8: Impedia/Proibia a utilização do computador.



Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Neste sentido, após o curso, as alunas ressaltaram alguns conteúdos que poderiam dialogar e aconselhar seus filhos/filhas/netos/netas no ambiente da internet, principalmente, os temas de pornografia infantil e pedofilia, como mostra a *Figura 9*, foram os que chamaram mais a atenção, inclusive por serem crianças e adolescentes na faixa até 14 anos de idade; em seguida veio a compreensão de que deveriam educá-los/las para preservarem sua identidade pessoal e familiar na rede, com isso não deveriam postar fotos específicas da vida cotidiana.

Figura 9: Medida da contribuição do curso no processo de educar para a utilização da internet.

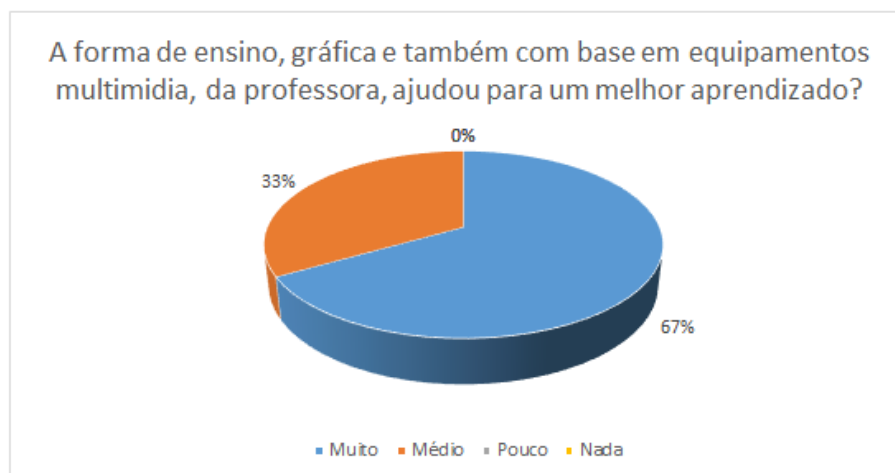


Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Com relação a outro dos objetivos específicos desta pesquisa, que é o conceito de que as ferramentas gráficas e de multimídia auxiliam para um melhor aprendizado de pessoas na faixa etária abordada, as questioneei sobre a prática docente através desta metodologia, como também do material didático ilustrativo e de apoio durante o curso.

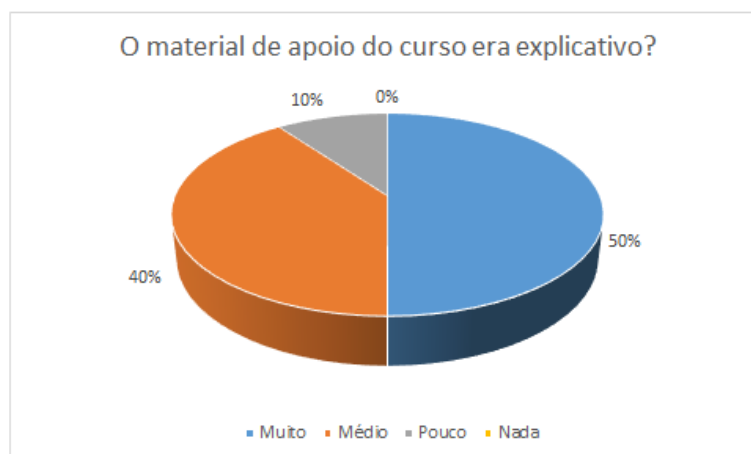
A forma para obter estas informações foi através de uma análise com base em quatro níveis: muito, médio, pouco e nada, como mostram as Figuras 10 e 11.

Figura 10: Percentual avaliativo da prática docente, como também da metodologia de ensino.



Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Figura 11: Percentual avaliativo do material de apoio.

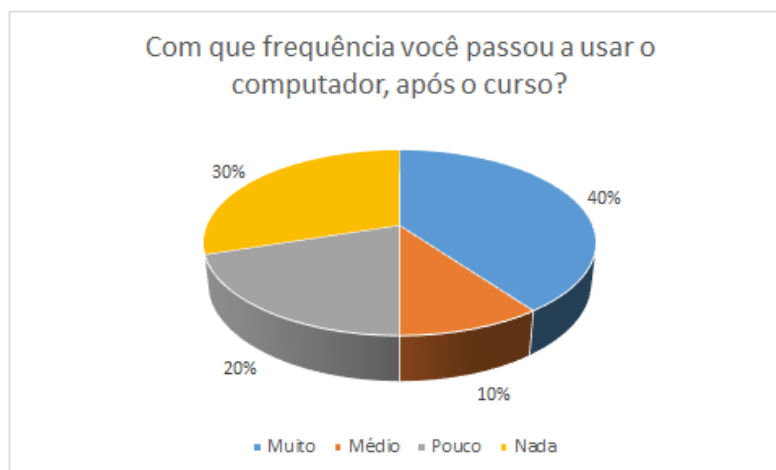


Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Por fim, retorno ao objetivo geral deste trabalho, comprovar que não é só a técnica ou o saber mexer do aluno que faz o ser professor, com certeza é muito importante a formação técnica, conceitual, mas quando lidamos com serem humanos, precisa-se olhar além disso, ou seja, olhar as dificuldades de cada um, estabelecer um relacionamento de confiança, verificar os valores que compõem toda a formação, enfim, todo o conjunto; porque, tudo passa, mas o que fica são esses relacionamentos e o que o docente contribuiu para que o seu aluno se descobrisse enquanto profissional e pessoal.

Como mostra a *Figura 12*, metade das alunas responderam que pouco ou nada utilizaram/acessaram o computador depois do curso, porém, muitas sentiram o desejo de aprender mais, a confiança aumentou, a agilidade, a impaciência diminuiu, controlam de forma mais segura as suas vidas e as vidas da sua família.

Figura 12: Percentual da frequência de acesso após o curso.



Fonte: Dados coletados na Escola Santa Maria.

Além de, mesmo que não usem o computador com frequência, sabem para que serve e o que ele pode auxiliar nas suas vidas, como mostram as falas a seguir, após a conclusão do curso, quando questionadas sobre o “apenas saber mexer é o que importa?”:

“Ao concluir eu só sei ligar e desligar, mas gostaria de fazer uso das máquinas para buscar conhecimento e aperfeiçoamento.” (*aluna 1*)

“...descobri que posso falar com outra pessoa distante e vê-la. O saber mexer é um dos primeiros passos para você descobrir milhares de outros fatores.” (*aluna 2*)

“...tem outros fatores como fazer planilhas, pesquisar, anexar arquivos ou fotos, entre outros.” (*aluna 3*)

“...saber ligar o computador, criar textos, jogar...” (*aluna 4*)

Todas estas perguntas foram aplicadas no mês de Junho de 2014, na Escola Santa Maria, na cidade de Igarassu, Pernambuco. A distância percebida entre a conclusão do curso de informática, em 2012, e a pesquisa de campo, em 2014, foi decorrente da experiência de cunho temporário que a pesquisadora realizou na comunidade do Movimento dos Focolares, em Igarassu/PE, tendo concluído no mesmo ano do curso.

E, como a experiência analisada nesta pesquisa foi finalizada a 2 anos atrás, foi difícil reunir as 13 mães concluintes, tanto que algumas não estavam mais ligadas a Escola, porém o relacionamento construído durante o curso facilitou a disponibilidade colocada, por parte das alunas, para responder às 11 perguntas do questionário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal identificar como a inclusão digital pode contribuir no relacionamento familiar, a partir da relação entre escola e família. Diante desse objetivo, foi importante observarmos que a sociedade atual está sendo caracterizada pela velocidade com que se obtêm informações, sendo essas das mais variadas formas, textos, áudios, imagens, vídeos, diários virtuais, *flashes* jornalísticos, uma mensagem de um amigo/amiga no *whatsapp*, uma curtida no *facebook*, etc.

Com isso, tendo como base a experiência da pesquisadora, vivenciada na Escola Santa Maria, através do curso de informática promovido pelo projeto psicossocial “Fortalecendo laços”, observamos que o processo de Educar vai muito além do contexto tecnicista da sala de aula ou do saber manipular um determinado dispositivo, com certeza é muito importante a

técnica, a formação aprofundada, porém é necessário o olhar além disso, ou seja, para as dificuldades de cada um no âmbito familiar, pessoal, social, por exemplo, quando a aluna olhava pra máquina e não sabia em qual botão apertar, mesmo tendo sido explicado e mostrado anteriormente, e dizia “professora, tenho medo de errar”, de acordo com o projeto deveríamos animá-las com o objetivo de melhorar sua autoconfiança, sua oportunidade de errar, mas também recomeçar; além dos valores que compõem toda a formação tanto técnica quanto pessoal, como paciência, agilidade no pensamento, pro-atividade, enfim, todo o conjunto, porque levando em consideração que tudo passa, como foi comprovado na análise dos resultados quando observamos que 50% das mães ou responsáveis, após o curso, não continuaram com o acesso ao computador, mas o que ficou foram os relacionamentos construídos e o que o professor/mediador contribuiu para que o seu aluno se descobrisse enquanto profissional, social, familiar e pessoal.

Apesar dos resultados não poderem ser generalizados, com base nas análises, podemos constatar que a partir da inclusão digital, os conceitos de autoestima e autoconfiança foram explorados, constatando que a família em que a autoestima e a autoconfiança dos responsáveis estão equilibradas, se tem um direcionamento mais eficiente no processo de formação da criança e do adolescente, sendo a família a base de todo cidadão, pois é nela que se iniciam os aspectos que irão direcioná-lo por toda a vida, como saber conviver com o outro que é diferente de mim, cooperatividade, paciência, amor ao próximo, ser protagonista, tudo que elas aprenderam nos cursos, elas colocaram em prática em suas famílias.

Ainda com relação a análise dos resultados, podemos perceber que a contribuição do curso de informática, no aconselhamento familiar sobre como usar os dispositivos, principalmente o computador, foi de relativa importância, pois a mãe ou responsável, após o curso passou a conhecer o ambiente em que o seu filho/filha/neto/neta estava, e com isso, ela não mais irá proibir, mas educa a utilização consciente do equipamento, principalmente quando conectado à rede de internet, ambiente em que se deve preservar a identidade pessoal e da família. Além de potencializar os estudos, pois através de pesquisas e análises na rede de internet, se pode acessar um acervo imenso de material que contribua no processo de aprendizagem, porém como foi aconselhado e praticado, fator mostrado em alguns resultados, que a mãe ou responsável passou a educar o seu filho/filha/neto/neta para não apenas copiar e colar dados, mas que deveriam construir seus pensamentos e opiniões, para se tornarem também cidadãos protagonistas.

Portanto, concluímos com este estudo que a relação família e escola é positiva, quando se tem o objetivo de Educar o ser humano para se tornarem como diz Moran (2007, p. 13) “cidadãos realizados e produtivos”, mas para isso é necessário que esses dois ambientes de formação tenham como princípio, não apenas o ensinar conhecimentos ou regras sem interligar com a vida, e assim contribuir na construção do ser pessoa, profissional e cidadão. E que, a Escola Santa Maria deve continuar sendo um exemplo desta parceria, mostrando e incentivando outras instituições a agir de forma concreta na formação de seres protagonistas do conhecimento e da sociedade, inclusive com projetos como o “Fortalecendo Laços”, que contribui na formação pessoal, psicológica, profissional e espiritual, do cidadão e da família.

REFERÊNCIAS

BONILLA, Maria Helena Silveira; OLIVEIRA, Paulo Cezar Souza de Oliveira. **Inclusão digital: ambiguidade em curso**. 2011. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Inclusão Digital: polêmica contemporânea**. Salvador: Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, Edufba, 2011.2 v., p. 35.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Inclusão Digital: polêmica contemporânea**. Salvador: Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, Edufba, 2011.2 v., p. 35.

BRASIL. **Decreto nº 8.242/14. Dispõe sobre o processo de certificação das entidades beneficentes de assistência social para obtenção da isenção das contribuições para a seguridade social**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8242.htm#art70>. Acesso em: 10 Jul. 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 10 Jul. 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.101/09. Lei da Certificação das Entidades Beneficentes de Assistência Social**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/12101.htm>. Acesso em: 18 Jul. 2014.

CALLIARI, Marcos & MOTTA, Alfredo. **Código Y: decifrando a geração que está mudando o país**. São Paulo: Editora Évora, 2012, p. 10.

CASTEL, Robert & HAROCHE, Claudine. **Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi: entretiens sur la construction de l'individu moderne**. Paris, Fayard, 2001. p. 211 apud NARDI, Henrique Caetano. **A genealogia do indivíduo moderno e os suportes sociais da existência**. Psicologia e Sociedade, v. 14, n. 1, p. 141-146, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a09.pdf>>. Acesso em: 04 Ago. 2014.

LUBICH, Chiara. **Geração nova do Movimento dos Focolares**. Revista: Cidade Nova, 2013, p. 13.

COSTA, Leonardo Figueiredo. **Novas tecnologias e inclusão digital: criação de um modelo de análise**. 2005. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Inclusão Digital: polêmica contemporânea**. Salvador: Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, Edufba, 2011. 2 v. p. 110.

FILHO, Antonio Mendes da Silva. **Os três pilares da Inclusão Digital**. Revista Espaço Acadêmico – Ano III – nº 24, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/024/24amsf.htm>>. Acesso em: 08 Jan. 2014.

FREIRE, Isa Maria. **O desafio da Inclusão Digital**. Transinformação, PUC – Campinas, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/720/700>>. Acesso em: 08 Jan. 2014.

LEMOS, André. Dogmas da inclusão digital. Correio Brasiliense, Brasília, 13 dez. 2003. Caderno Pensar. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/inclusao.pdf>> Acesso em: 08 Jan. 2014.

LEMOS, André. **Prefácio**. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Inclusão Digital: polêmica contemporânea**. Salvador: Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, Edufba, 2011. 2 v. p. 16-19.

LIMA, Líbia Márcia de Souza. **A relação família escola**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/LIBIA%20MARCIA%20DE%20SOUZA%20LIMA.pdf>> . Acesso em: 4 Ago. 2014.

LIMA, Viviane Soares; OLIVEIRA, Daniely Alves; RODRIGUES, Maria Nathalia de Q. G. Arcoverde. **A influência da vulnerabilidade social familiar no baixo rendimento escolar dos alunos da Escola Santa Maria**. Recife, 2013.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/papet/2003/ep145/pesq.htm>>. Acesso em: 4 Ago. 2014.

MAGALHÃES, Andreia Seixas. **Novos arranjos familiares: qual é papel do pai na família contemporânea?** IHU Online - revista do Instituto Humanista Unisinos. Rio Grande do Sul, v. 230, Ano VII, ago. 2007.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2007, v.13, p. 12-13.

NARDI, Henrique Caetano. **A genealogia do indivíduo moderno e os suportes sociais da existência**. Psicologia e Sociedade, v. 14, n. 1, p. 141-146, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a09.pdf>>. Acesso em: 4 Ago. 2014.

PNAD – **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, síntese dos indicadores, IBGE, 2011. Rio de Janeiro, 2012.

PORTILHO, Gabriela. **Mamãe, eu quero!**, Revista: Cidade Nova, Mai. 2014, p. 10. Disponível para assinantes em: <http://www.cidadenova.org.br/revista/edicoes/2014/577/165-mamae_eu_quero>.

RONDELLI, Elizabeth. **Quatro passos para a inclusão digital**. Sete pontos. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, jul. 2003. Disponível em: <<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/5/4passos.htm>>. Acesso em: 8 Jan. 2014.

SÁ, Bruno Vivas & COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. **A influência da igreja católica na educação brasileira**. Repositório Institucional – Universidade Federal da Bahia, 2013, p. 2. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9252>>. Acesso em: 4 Ago. 2014.

APÊNDICE – Questionário para coleta de dados

Apresentação

Olá a você, responsável pelo aluno ou aluna da Escola Santa Maria - ESM.

Este questionário é referente a análise de dados do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Computação - Universidade Estadual da Paraíba, que estou concluindo, agora no mês de Julho/2014.

Peço que respondam com carinho e atenção, como também sinceridade, as perguntas abaixo, todas relacionadas ao curso de Informática que ministrei em 2012.1, na Escola Santa Maria –Igarassu/PE.

Desde já, agradeço imensamente a colaboração de vocês.

Perguntas

1) Que valores humanos você destacaria com relação a contribuição que a Escola Santa Maria oferece, para a melhoria no seu ambiente familiar?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Autoestima | <input type="checkbox"/> Força interior |
| <input type="checkbox"/> Caráter | <input type="checkbox"/> Respeito mútuo |
| <input type="checkbox"/> Cooperatividade | <input type="checkbox"/> Solidariedade |
| <input type="checkbox"/> Comprometimento | <input type="checkbox"/> Tolerância |
| <input type="checkbox"/> Ética | <input type="checkbox"/> Humildade |
| <input type="checkbox"/> Fraternidade | <input type="checkbox"/> Paciência |

2) Como você analisa o trabalho da psicologia junto ao ensino da ESM?

- () Muito bom, pois nos ajuda a compreender melhor nossa família, e como agir.
- () Bom, pois nos auxilia, mas muitas vezes confunde ainda mais as situações.
- () Ruim, não nos ajuda, pois a forma que ela trabalha é distante da nossa realidade.
- () Muito ruim, não deveria existir psicóloga na escola.

3) Como os cursos contribuíram no relacionamento com a sua família?

- () Ajudou na autoestima, porém me tornei uma pessoa egoísta e autoritária.
- () Aumentou minha autoestima, mas não percebo nenhuma mudança no relacionamento da minha família.
- () Aumentando minha autoestima, e contribuindo no papel de controle que exerço sobre minha família, pois tinha que confiar em mim para controlar o computador.
- () Aumentando minha autoestima, e contribuindo no auxílio que devo dá para meu filho, filha, neto, neta, responsável, com relação ao acompanhamento nos estudos, nas pesquisas, como também na sua educação virtual, portanto dialogando mais.
- () Não contribuiu em nada.

- 4) Como os cursos contribuíram na sua vida profissional?
- () Percebi novas possibilidades de trabalho, mas não exerço nenhuma delas.
 - () Percebi novas possibilidades profissionais e trabalho de forma autônoma.
 - () Fiz entrevista de emprego que tinha 'curso de informática' como critério de contratação, e hoje trabalho com o computador.
 - () Pude perceber que tenho possibilidade de me aprofundar mais na área tecnológica.
 - () Não contribuiu em nada.
- 5) Com relação à experiência que você tinha quando iniciou o curso de informática, marque as seguintes opções, podendo ser mais de uma:
- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Sabia ligar | <input type="checkbox"/> Enviava e respondia email |
| <input type="checkbox"/> Digitava textos | <input type="checkbox"/> Anexava arquivos no email |
| <input type="checkbox"/> Desenhava imagens | <input type="checkbox"/> Pesquisava na internet |
| <input type="checkbox"/> Criava planilhas | <input type="checkbox"/> Tinha Orkut |
| <input type="checkbox"/> Pesquisava na internet | <input type="checkbox"/> Tinha Facebook |
| <input type="checkbox"/> Tinha email | <input type="checkbox"/> Não sabia nada |
- 6) Você proibia o seu filho/filha/neto/neta de utilizar o computador?
- () Sim, proibia porque não sabia o que ele/ela estava fazendo.
 - () Sim, proibia porque é um ambiente perigoso para crianças e adolescentes usarem, e também porque não sabia o que ele/ela poderia estar fazendo.
 - () Sim, proibia porque não sabia o que ele/ela estava fazendo, mas depois do curso de informática percebi que devo acompanhá-los nas atividades, nas pesquisas, no uso das redes sociais, e não proibi-los apenas.
 - () Não, nunca proibi, mas não sabia como acompanhá-los.
 - () Nunca proibi, mas percebi, depois do curso, que preciso acompanhá-los.
- 7) Depois do curso de informática, de que forma você percebeu que poderia ajudar nas atividades da escola do seu filho/filha/neto/neta?
- () Acompanhando-o/a nas pesquisas através do Google, mas não interferindo em nada.
 - () Educando-o/a para utilizar de forma consciente os componentes da informática, por exemplo, depois de pesquisar no Google, de não apenas copiar da internet e colar no trabalho da escola, mas analisar e construir seu próprio trabalho.
 - () Não tive paciência para ajudar, e fazia o trabalho deles.
 - () Estou percebendo agora que tem estas formas de ajudá-los nas atividades.
 - () Não tenho tempo para ajudá-los nas atividades.

8) Que conhecimentos, com relação aos cuidados que se deve ter no ambiente da internet, o curso de informática lhe trouxe, que lhe ajudam a aconselhar da melhor forma o seu filho/filha/neto/neta/responsável?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Pornografia infantil | <input type="checkbox"/> Restrições nas redes sociais |
| <input type="checkbox"/> Pedofilia | <input type="checkbox"/> Postar fotos da vida cotidiana |
| <input type="checkbox"/> Ética e Moral | <input type="checkbox"/> Pirataria |
| <input type="checkbox"/> Copiar e colar | <input type="checkbox"/> Diário virtual |

9) Que dificuldades você encontrou no decorrer do curso, principalmente ao mexer no computador?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Controle do mouse | <input type="checkbox"/> Tinha medo de errar |
| <input type="checkbox"/> Digitar com o teclado | <input type="checkbox"/> Não tinha computador em casa |
| <input type="checkbox"/> São muitos conteúdos, em pouco tempo | <input type="checkbox"/> Não tinha tempo de fazer as atividades |
| <input type="checkbox"/> A professora ensinava muito rápido | <input type="checkbox"/> O material de apoio era complicado de entender |

10) Você, após ter concluído o curso, acredita que “só saber mexer” é o que importa, ou tem outros fatores?

11) Classifique, marcando com um X, as questões abaixo:

	MUITO	MÉDIO	POUCO	NADA
Antes do curso, se sentia excluída por não saber utilizar o computador?				
A forma de ensino, gráfica e também com base em equipamentos de multimídia, da professora, ajudou para um melhor aprendizado?				
O material de apoio do curso era explicativo?				
Com que frequência você passou a acessar o computador depois do curso?				

ANEXOS

Figura 1: Pátio (lado esquerdo) da Escola Santa Maria.



Fonte: Fotografia realizada pela pesquisadora.

Figura 2: Pátio (lado direito) da Escola Santa Maria.



Fonte: Fotografia realizada pela pesquisadora.

Figura 3: Pátio do Infantil – Escola Santa Maria.



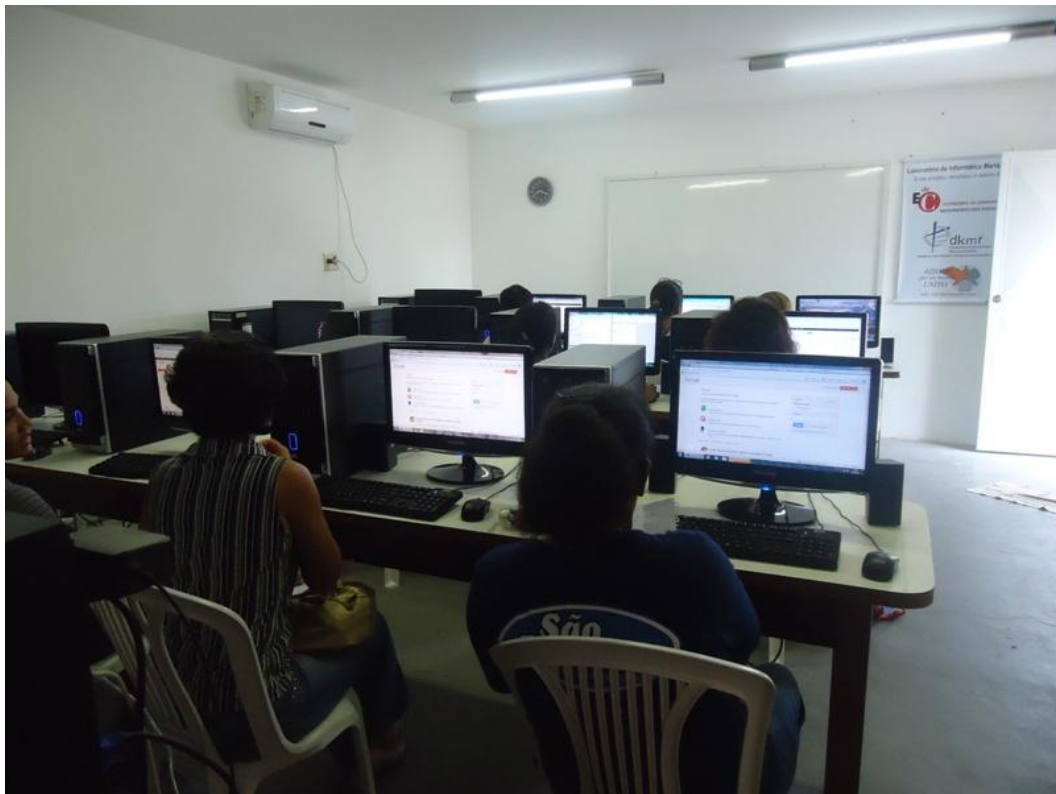
Fonte: Fotografia realizada pela pesquisadora.

Figura 4: Projeto Psicossocial – Curso de artesanato.



Fonte: Arquivo da Escola Santa Maria.

Figura 5: Projeto Psicossocial – Sala do Curso de Informática.



Fonte: Arquivo da Escola Santa Maria.

Figura 6: Projeto Psicossocial – Sala do Curso de Informática.



Fonte: Arquivo da Escola Santa Maria